



**INFORMATIVO**

**O TUIUTI**



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE  
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)  
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -  
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

**370 anos da Segunda Batalha dos Guararapes - 230 anos da Inconfidência Mineira  
130 anos da Proclamação da República - 120 anos da Revolução Acreana**

**ANO 2019**

**Outubro**

**Nº 331**

**Independência: ruptura ou continuidade?**

4 de setembro de 2019



**Por Armando Alexandre dos Santos**

**A** historiografia do século XIX, marcada pela influência do racionalismo e do positivismo, concentrava sua atenção na narrativa dos fatos isolados, considerando cada um deles em si mesmo e por si mesmo. Já a historiografia do século XX, com as inovações metodológicas introduzidas pela famosa *École des Annales*, tende a considerar na História os períodos de longa duração. Tal abordagem, aliada à interdisciplinaridade também adotada por essa escola inovadora, permite abarcar numa visão de conjunto a trajetória dos povos e das sociedades humanas e, ao mesmo tempo, permite entender melhor os próprios fatos isolados, porque inseridos num contexto mais amplo e devidamente contextualizados.

A história, vista numa perspectiva de longa duração, é constituída por continuidades e por rupturas. Por vezes, é muito claro o que é continuidade e o que é ruptura, mas às vezes as coisas não são tão simples assim; podem ocorrer rupturas profundas por baixo de uma aparente manutenção de um status quo, como também podem ocorrer rupturas de superfície que, em profundidade, permitem o prosseguimento de uma situação de continuidade.

Que pensar da Independência do Brasil, que se comemora nesta semana e cujo bicentenário se celebrará em 2022? Representou ela uma ruptura ou uma continuidade?

Em primeiro lugar, é preciso considerar que, institucionalmente, o Brasil já era independente desde 1815, quando foi elevado por D. João VI à condição de Reino Unido a Portugal e aos Algarves. De acordo com o Direito Público internacional, pois, o Brasil estava em situação de paridade com a velha Mãe-Pátria. Na verdade, eram dois reinos independentes, tendo em comum apenas o fato de serem governados por um mesmo monarca, numa situação semelhante à do Reino Unido atual, à do Império Áustro-Húngaro ou à de Portugal no período 1580-1640, quando teve como reis monarcas que também eram reis da Espanha.

Na realidade, o Príncipe-Regente e depois Rei D. João soube transformar em apenas 13 anos um Brasil vice-Reino, que encontrou provinciano e acanhado em 1808, num Reino-Unido a Portugal, estuante de vitalidade e de virtualidades que até hoje, decorridos dois séculos, ainda não foram suficientemente exploradas e ainda estão muito longe de se esgotar. Mais do que isso, soube prever a separação do Brasil de sua antiga Metrópole; sentiu que essa separação era inevitável, sentiu que as circunstâncias a estavam tornando iminente. Soube prepará-la da melhor forma possível, deixando seu filho como nosso primeiro Imperador. Conta-se que, ao partir para Lisboa, em 1821 – aliás, a contragosto, pois pretendia ficar mais tempo no Rio de Janeiro, consolidando sua imensa obra de criação de um império – teria dito ao filho: “Pedro, apanha essa coroa e põe-na sobre tua cabeça antes que algum aventureiro lance mão dela”.

O aguerrido e impetuoso Pedro I seguiu à risca o conselho paterno. Sem a permanência da dinastia bragantina no Brasil, teríamos tido o mesmo destino da América espanhola: ter-nos-íamos fragmentado numa série de repúblicas e republiquetas, dominadas por caudilhos e aventureiros. Assim consideradas as coisas, pois, parece-me que o Sete de Setembro, se por um lado representou uma ruptura, por outro lado se fez não traumaticamente, mas mantendo a linha da continuidade, e isso, a meu ver, beneficiou o Brasil. A influência de José Bonifácio, o experiente e sábio conselheiro de D. Pedro, teve papel importante na transição. Ele sabia bem o que estava fazendo, porque, quando jovem estudante, vivera em Paris durante o sanguinário período do Terror e presenciara, pessoalmente, os desmandos de uma Revolução traumática e radical. Era de uma tragédia desse tipo que ele, acima de tudo, queria preservar o Brasil. E, graças a Deus, conseguiu.

*Armando Alexandre dos Santos é licenciado em História e em Filosofia, doutor na área de Filosofia e Letras e professor da Unisul. Também é Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Portuguesa da História.*



### Os Curdos

**O**s curdos, ou povo curdo, são um grupo étnico do Médio Oriente com cerca de trinta milhões de indivíduos no mundo; a maioria, cerca de 14 milhões, vive na Turquia, numa região frequentemente referida como Curdistão turco. Os demais, cerca de 16 milhões, vivem no Iraque e em partes da Síria e do Irã.

## Curdos – A Luta Pela Terra (\*)

Natália Yudenitsche

**E**m 1919, pouco antes do nascimento oficial do Estado Iraquiano (ainda sob controle britânico) os curdos estavam a um passo de ter sua nação independente. O xeque Mahmoud Barzanji, então líder dos curdos autoproclamou-se rei do Estado Independente Curdo, reivindicando a Suleimânia (uma cidade do Curdistão, no Iraque) e áreas adjacentes. Não deu certo. Menos de um ano depois, o Exército britânico depôs Barzanji.

Naquele mesmo 1920, então, foi assinado na França o Tratado de Sèvres. O texto delimitava as fronteiras do Curdistão e prometia a tão esperada autonomia dos curdos. Promessa não cumprida: a independência nunca foi colocada em prática. Para complicar, em 1923, um novo acordo foi assinado na Suíça entre participantes da Primeira Guerra Mundial (1914-1922) e da Guerra de Independência da Turquia (1919-1922). O documento não só dividia o Curdistão entre Turquia, Iraque e Síria como também desobrigava o governo turco a garantir a sonhada autonomia curda. Outro passo atrás. Em 1925, após a repressão a uma revolta curda, a Liga das Nações decidiu que o mandato britânico na região deveria se estender por mais 25 anos. “Os ingleses ficaram menos de cinco anos. Quando, em 1930, o Iraque conseguiu sua independência dos britânicos, os curdos se rebelaram novamente” diz Juan Cole, professor da Universidade de Michigan, nos Estados Unidos.

As rebeliões aconteceram em várias partes do Curdistão. A ocorrida na Turquia, na região do Monte Ararat, foi apoiada pelas forças britânicas no Iraque, onde, em paralelo, diversos focos rebeldes explodiram. Muitas dessas revoltas foram encabeçadas pelo líder nacionalista curdo Mustafá Barzani. Mas nenhuma resultou num país independente. E eles continuam lutando por isso até hoje.

### No mesmo “Lugar Nenhum”

**P**ara entender a obstinação desse povo – a maior etnia sem pátria da atualidade – em ter o Curdistão reconhecido, é preciso voltar a suas raízes. Os curdos sempre habitaram a região que ocupam hoje. São uma etnia nativa das áreas montanhosas ao norte do Iraque e ao sul da Turquia. “As terras que eles querem ver reconhecidas como suas sempre estiveram em suas mãos”, explica Anna Olson, professora americana da Universidade de Washington. “Essa região, com cerca de 500 mil km<sup>2</sup>, que atualmente configura o Curdistão, fica em sua maior parte na Turquia, ocupando ainda partes de Iraque, Irã, Síria, Armênia e Azerbaijão. Como a área não é reconhecida como independente, os curdos, que podem chegar a 45 milhões, vivem hoje espalhadas por essas seis nações, sem um núcleo oficial.” Em sua maioria, são muçulmanos sunitas, e a língua oficial é o curdo.

A história desse povo começou há cerca de 8 mil anos, praticamente no mesmo lugar, onde ficava a antiga Mesopotâmia. Sempre habitando as regiões montanhosas e acostumados ao frio intenso da altitude os curdos da Antiguidade se dividiam em clãs com nomes como gutis, kurti, e mushku e viviam em cidades-estado. Com o passar dos séculos, outros povos indo-europeus, como os medas (cujo império, à 2,6 mil anos, englobava boa parte do que hoje é o Curdistão), cínlios partos, mitanis, cassitas, hititas e gutis, entre outros, fixaram-se na região. “Os curdos são, portanto, o produto da miscigenação de todos os povos invasores ou migrantes daquele lugar, incluindo assírios, acádios, armênios, persas, gregos, romanos, bizantinos, árabes, mongóis e turcos”, diz Olson.

Da Antiguidade ao século 20, a mistura de culturas e a falta de unidade e de um país levaram os curdos a intermináveis batalhas, guerras civis e levantes. Após as revoltas da época da independência do Iraque, na década de 1930, eles tentariam criar seu Estado próprio ao fim da Segunda Guerra Mundial. Quando terminou o conflito, as terras curdas no Azerbaijão foram ocupadas por forças soviéticas. Em 1946, os curdos criaram um Estado independente na cidade de Mahabad. Menos de um ano depois, quando os soviéticos partiram a república viu seu fim com a reanexação da região pelo Irã. Também não foi dessa vez.

### Extermínio em Massa

**D**urante os primeiros anos do regime imposto pelo partido Baath, que assumiu o poder no Iraque em 1968, os curdos viveram em relativa paz. O cenário mudou radicalmente a partir de 1971, quando começaram a entrar em vigor as medidas de uma campanha anticurda, oficializada em 1968 sob o nome de Anfal, no governo de Sadam Hussein, e que só terminou em 1989. O objetivo era eliminar as aspirações de criar uma nação independente ou mesmo de se organizar como uma etnia de cultura e linguagem próprias. As formas de repressão começavam com a expulsão dos curdos que viviam próximo às fronteiras iraquianas com as da Turquia e do Irã. A prisão com base em acusações de atividades oposicionistas complementava o processo. Os curdos sofreram todo o tipo de violência no período – de alvos de armas químicas a destruição de cidades e vilas. Em 1987, cerca de 600 curdos presos foram mortos pelos iraquianos com tálho, um metal pesado utilizado em veneno para ratos. Já em

1989, mais de mil curdos foram envenenados da mesma maneira em Mardim e, no ano seguinte, outros 400 morreram na cidade de Diyarbakir.

A repressão aos curdos não foi restrita apenas ao Iraque. Até 1991, eles estavam proibidos de falar o curdo na Turquia. Ali, atualmente, são vetados programas de rádio ou TV no idioma, assim como o aprendizado da língua nas escolas. Na Síria, muitos não conseguem tirar passaporte, votar, registrar seus filhos com nomes curdos, comprar terras ou se casar com sírios. No Irã é parecido.

#### Quase lá

Já nos anos 1990, enquanto levantes promovidos por guerrilheiros rebeldes da PKK levavam a Turquia a um estado de guerra civil, os curdos ganharam a proteção dos Estados Unidos no Iraque. Sob o comando de George Bush, o pai, os EUA e as forças aliadas que lutaram contra o Iraque na Guerra do Golfo, em 1990 e 1991, apoiaram uma série de rebeliões e revoltas curdas. Isso estabeleceu uma área segura para a etnia no Iraque com um governo próprio. A questão curda, porém, só ganhou destaque no mundo em 2003, com a invasão do Iraque pelos EUA, governado por George W. Bush, o filho.

Apesar da oposição ferrenha da Turquia, que negou apoio à independência curda, a delegação da etnia no Comitê Constitucional conseguiu que as províncias curdas se reunissem numa região autônoma, com suas próprias Forças Armadas, taxas e leis, tornando o curdo a língua nacional, juntamente com o árabe. Os turcos chegaram a negar caminho para os americanos e seus aliados até o norte do Iraque. Tinham medo de que, com Saddam Hussein deposto, os curdos proclamassem um Estado independente.

Hoje, apoiando o programa criado pelos EUA no Iraque, há até 200 *peshmergas* (“aqueles que enfrentam a morte”), combatentes que atuam principalmente contra os Daesh – o Estado Islâmico – com suporte ocidental, protegendo suas terras e buscando uma possível solução de fora. Não que a situação tenha deixado de ser problemática. Os EUA temem que o Iraque se torne uma terra instável, com uma luta eterna entre vários grupos étnicos. E, por isso evitam um apoio explícito ao que continua sendo a meta maior dos curdos: ter a própria pátria.

#### PKK

O Partido dos Trabalhadores do Curdistão foi fundado em 1978 por estudantes curdos, mas só em 1984 tornou-se um grupo paramilitar, usando inclusive campos de treinamento na Turquia, Iraque, Síria, Líbano e até na França. Esses separatistas, de linha marxista, vivem em conflito armado contra o governo turco – por toda a opressão exercida por esse Estado contra a sua etnia. É uma batalha constante, com um ou outro cessar fogo e dezenas de milhares de vítimas. Sequestros de turistas e assassinatos de políticos estão no repertório da organização – que é considerada terrorista pela Otan e os EUA, mas não pela ONU.

(\*) Fonte: revista *Aventuras na História*, março 2019, p. 26 -31.

#### O idioma e a nação

No romance *Palavra Perdida*, a escritora turca **Oya Baydar** trata do sequestro da língua materna das minorias étnicas do seu país; alude à língua curda, proibida e ignorada durante anos, e afirma que a opressão de um povo começa pela opressão de sua língua.

Quando foi criado, Israel descartou o yiddish, língua falada por boa parte dos judeus europeus, dotada de vasta literatura, e oficializou o hebraico, uma língua morta, como idioma, para, dessa maneira, se caracterizar como um país independente. É um exemplo que demonstra a importância do idioma como forma de expressão da nacionalidade.



## Lançamento do livro “Raízes do Exército Brasileiro” – Período Colonial

No dia 17 de outubro passado, foi lançado no saguão do Museu Militar do CMS, Rua dos Andradas, 630, Porto Alegre, o livro acima citado (abaixo, imagem da 1ª capa).

A obra é resultado de duas obras anteriores, a **História do Exército Brasileiro – Perfil Militar de um Povo**, publicada em três volumes no ano de 1972; e **O Exército na História do Brasil**.

Muitas outras obras foram consultadas para a formatação final do livro.



O principal objetivo dos autores, que contou com a aprovação do Cmt do EB - Gen Ex Edson Leal Pujol, é o de entregar um exemplar para cada cadete do 1º ano da AMAN já em 2020.

Além disso, oferecer aos militares e civis que gostam e tratam do assunto, uma obra mais acessível no que se refere às dimensões.

De cada dois exemplares vendidos e ainda por vender, a 40 reais cada, mais cinco exemplares poderão ser impressos, com imagens em preto e branco, o que tornará possível alcançar o principal objetivo.

Este é o primeiro livro de uma trilogia. Os dois seguintes abordarão o período imperial e a era republicana até os nossos dias. Trabalho em andamento.

No dia 17 foram vendidos 61 exemplares, e arrecadados 2440 reais.

O Cmt Militar do Sul - Gen Miotto, esteve presente, acompanhado por outros oficiais generais da ativa e reformados.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer ao Cmt do CMS, à sua Secção de Comunicação Social e ao Museu o excelente apoio ao evento.

Abaixo, algumas imagens.



Início do evento.



Ao microfone o Ch Sec Com Soc CMS, Cel Maia Filho.



Imagem do público presente.



Os autores, Gen Muxfeldt (à esquerda) e Cel Caminha.



Palavras do Gen Muxfeldt.



O Gen Miotto cumprimentando o Gen Muxfeldt.



Os autógrafos. Em pé, o Gen Ex Fernando Sérgio Galvão.



Autógrafos. Em pé, o Gen Ex Francisco Pinto dos Santos Filho



Coronéis Caminha e Lescano

Dentro de alguns dias, o texto do livro estará disponível pela Internet, no site da AHIMTB/RS:  
[www.acadhistoria.com.br](http://www.acadhistoria.com.br)

**Editor:**

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS ([lecaminha@gmail.com](mailto:lecaminha@gmail.com))

Sites: [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) e [www.acadhistoria.com.br](http://www.acadhistoria.com.br)

Site do NEE/CMS: [www.nee.cms.eb.mil.br](http://www.nee.cms.eb.mil.br)

Site do Núcleo Militar de Gramado: [www.nuclev.com](http://www.nuclev.com)

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE – Delegacia Heróis de Guararapes:

"<http://historiapatriota.blogspot.com/>".